

26 SET 1984

Guerreiro vê mais

flexibilidade dos EUA

NOVA YORK — Durante o encontro mantido ontem pelos chanceleres Saraiva Guerreiro, do Brasil, e Dante Caputo, da Argentina, na sede das Nações Unidas, ambos concordaram em que o problema da dívida externa — ponto prioritário da pauta —, depois das reuniões de Quito, Cartagena e Mar del Plata, tem levado os governos dos países ricos, inclusive os Estados Unidos, a um grau de maior sensibilidade para a importância de tratar o problema de maneira mais flexível e abrangente.

Esta informação foi dada por um diplomata que assessorou o encontro, segundo o qual praticamente não houve nenhum ponto divergente no tocante às avaliações da questão da dívida. Sobre sua conversa com o chanceler argentino, explicou, depois, o chanceler Saraiva Guerreiro:

“Nós conversamos com este grau de confiança que há entre os dois países — alguns assuntos bilaterais e muitos assuntos regionais — com trocas de informações sobre o que se vem fazendo em matéria de dívida e em matéria das iniciativas latino-americanas de Cartagena e Mar del Plata”.

Segundo o mesmo diplomata, durante a conversa entre os dois chanceleres ficou constatado uma mudança de comportamento sensível por parte dos países ricos. E o diplomata explicou:

“Isso ficou demonstrado nas reuniões das comissões do Comitê Interno do FMI e do Comitê do Banco Mundial, ambas realizadas no último fim de semana, onde o assunto foi largamente discutido e os americanos propuseram a ampliação do assunto da dívida, no âmbito das reuniões que estas organizações vão realizar em abril do próximo ano, em Paris.”

Os dois chanceleres, embora reconhecendo progressos nas negociações da dívida, concordaram que ainda não se configuram no quadro desejado pelos países devedores, que é o de um diálogo político e de alto nível, diretamente entre devedores e credores, de qualquer forma indica que, num período relativamente curto de reuniões, foram conseguidos progressos muito mais cedo que o esperado.

Segundo o chanceler Saraiva Guerreiro, foram ainda feitas avaliações sobre o grupo de Contadora e as novas propostas que se encontram sobre a mesa, com ampla aceitação por parte dos países envolvidos.

Perguntado se o momento de transição política do Brasil chegou a ser discutido, o chanceler Saraiva Guerreiro concluiu taxativo:

“Não posso revelar tudo que conversamos nesses encontros, pois que as conversas não são só minhas. Só posso dar uma indicação dos assuntos, mas não da substância do que foi tratado. Na verdade, hoje temos um tipo de relacionamento com a Argentina que independe das mudanças de governo. Não há mais nenhuma controvérsia importante com a Argentina, de tipo político. Temos apenas um trabalho, que não é fácil, de desenvolver as relações em todos os campos. E os assuntos internos não nos tem preocupado, nem de um lado nem do outro, em termos de que possam ser fato capaz de modificar esse clima de confiança que prevalece nas relações entre os dois países. (C.D.)

RENEGOCIAÇÃO

Enquanto isso, no Rio, o ex-presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, afirmou que os bancos internacionais precisam reconhecer sua co-responsabilidade no processo de endividamento do Terceiro Mundo e aceitar a imediata mudança nos termos de renegociação da dívida externa destes países. Ele recomenda a volta ao sistema de juros fixos e a redução do **spread** (taxa cobrada em função do risco oferecido pelo devedor), como forma de se evitar o colapso do sistema financeiro e permitir a recuperação econômica das nações endividadadas.

O ex-presidente do Banco Central justifica sua proposta — publicada no número de setembro da **Revista Econômica — Consultoria e Serviços Técnicos** — ao considerar que os bancos têm de ser realistas no cálculo do **spread** e reconhecer que não há fundamento lógico na aplicação de condições e preços de mercado a uma situação “em que tipicamente não existe mais mercado”.